



Divulgação

UN AMOR



Divulgação

BANEL ET ADAMA



Divulgação

PUÁN



Divulgação

CORTA!

(2022) fizeram dete cineasta estreante uma grife literária por trás da afirmação identitário dos corpos não binários. Por trás das câmeras, Preciado afirma sua condição de trans, num diálogo - entre narrativa documental e o ensaio - com a obra de Virginia Wolf. Ganhou o troféu Teddy (premição queer de Berlim) e o prêmio especial da mostra alemã Encontros. Sua montagem é um achado.

SÊNeca - A RESPEITO DOS TERREMOTOS (“Seneca – On The Creation Of Earthquakes”), de **Robert Schwentke** (Alemanha): O realizador de “O Capitão” (2017) encantou John Malkovich com sua estética visualmente selvagem quando o ator presidiu o júri de San Sebastian, há seis anos, conferindo prêmio ao realizador. Este, encantado pelo respeito de Malkovich, decidiu oferecer ao astro o papel principal de um filme-ensaio sobre o filósofo, poeta e dramaturgo Sêneca. Trata-se de uma narrativa de tom experimental, centrada no embate do pensador

com o imperador Nero, em Roma. Geraldine Chaplin abrilhanta o elenco.

O PEQUENO CORPO (“Piccolo Corpo”), de **Laura Samani** (Itália): É difícil não pensar na obra de Rossellini, e, sobretudo, no Ermanno Olmi de “A Árvore dos Tamanhos” (Palma de Ouro de 1978) diante dos planos idealizados por Laura, que investe no realismo para, paradoxalmente, dar sustância a uma fábula. O filme viaja no Tempo, até 1900. Lá, o bebê da jovem Agata nasce morto e é condenado ao Limbo, sem receber unções cristãs. Agata ouve falar de um lugar nas montanhas onde crianças natimortas podem ser trazidas de volta à vida com apenas um sopro, para batizá-los e salvar sua alma. Ela empreende uma viagem com o pequeno corpo de sua filha escondido em uma caixa e encontra Linx, um menino solitário que se oferece para ajudá-la. Eles partem para uma aventura que permitirá a ambos se aproximarem de um milagre.

MAL VIVER, de **João Canijo** (Portugal): Um merecidíssimo Prêmio do Júri na Berlimale deste ano há de trazer novos holofotes para um dos mais potentes artesões autorais lusos. Sua arena aqui é um hotel, que nos é apresentado pela perspectiva de suas donas e de suas funcionárias, com destaque para a atuação de Rita Blanco e Anabela Moreira. Um diálogo sobre o interesse de uma jovem em nadar, eletrificado por memórias de suas peraltices d'outrora (um beijinho num colega de piscina), expõe o quão sutil é a carpintaria de escrita de Canijo, interessado em miudezas. São miudezas jamais cicatrizadas que, com o tempo, rasgam-se em feridas existenciais largas demais. A fotografia de Leonor Teles encapa as palavras do cineasta com uma luz austera.

OS IMPACTADOS (“Los Impactados”), de **Lucía Puenzo** (Argentina): Exercício arrebatador de cinema de gênero da diretora de “XXY” (2007). O roteiro explora a hipótese

de que o impacto de um raio pode mudar a psiquê de suas vítimas. É o que vai ocorrer com a veterinária Ada (papel de Mariana Di Girolamo, numa pujante atuação) depois de ser alvejada por uma forte descarga durante uma chuva. Sua mente entra em crise e seu corpo passa a sofrer sintomas de desconforto. Porém, a descoberta de um grupo (quase uma sociedade secreta) de pessoas que se acidentaram com os espasmos elétricos do céu vai empurrar Ada para uma subcultura cheia de mistérios, mas de alta voltagem erótica.

PERFECT DAYS, de **Wim Wenders** (Japão): Em Cannes, o artesão germânico foi ovacionado por essa produção nipônica. Laureado com a Palma de Ouro de 1984 pelo cultuado “Paris, Texas”, o cineasta alemão de 77 anos não alcançava tanta notoriedade com uma ficção desde “O Hotel de Um Milhão de Dólares” (Prêmio do Júri na Berlimale em 2000), dedicando-se mais a documentários, como “Pina” (2011) e “O Sal da Terra” (codirigido por Juliano Salgado, de 2014). Ao filmar em solo japonês, na terra de seu ídolo (o diretor Yasujiro Ozu), ele arranha o status de obra-prima à força de uma poética investigação sobre as belezas simples da vida, narradas a partir do cotidiano de um limpador de latrinas (papel que deu a Koji Yakusho o prêmio de Melhor Ator na Croisette) apaixonado por rock, em fitas K-7. Cannes deu a ela ainda a láurea do Júri Ecumênico.

O VENTO QUE ARRASA (“El Viento Que Arrasa”), de **Paula Hernandez** (Argentina): A diretora de “Lluvia” (2008) levou a Donostia seu longa mais maduro, com base na literatura de Selva Almada. A trama narra a viagem de uma mulher, Leni (Almudena González), com seu pai, o reverendo Pearson (o chileno Alfredo Castro), a uma missão religiosa. Ao perceber a obsessão do religioso por um rapaz, Tapioca (Joaquín Acedo), Leni decide tomar as rédeas de seu destino, fazendo do filme um levante feminista.

UM AMOR, de **Isabel Coixet** (Espanha): Quinze anos depois de sua obra-prima (“Fatal”, que também estreou no Festival do Rio), a cineasta catalã regressa ao universo dos quereres mais incontrolláveis propondo uma adaptação do best-seller homônimo de Sara Mesa. Seu olhar se detém sobre uma ex-bailarina e tradutora (Laia Costa) que se apaixona por um exótico aldeão (Hovik Keuchkerian) ao se mudar para o campo. Hovik ganhou o prêmio de Melhor Atuação Coadjuvante em San Sebastián.